

Monte Alegre, fazenda do terror

Jagunços do grileiro Geremia Lunardelli operam livremente em Goiaz — Os colonos só podem comprar no armazem da fazenda, onde tudo custa mais caro

Reportagem de Wilson Santos

Cheguei à fazenda de Geremia Lunardelli, no distrito de Colônia, município de Jaraguá, em uma tarde em que se discutia acaloradamente, o grileiro negando-se a efetuar os pagamentos aos colonos que, vindos de S. Paulo, se dirigiram para o centro da fazenda, onde impõem o terror, a fome, a carência absurda dos gêneros alimentícios e o desrespeito às nossas leis.

O gerente ali, um tal de Wilmar Ribeiro de Castro, não faz pagamentos em dinheiro, fornecendo aos trabalhadores apenas cheques de pequenas quantias que são trocados com 20 por cento de abatimento em Colônia, tudo devidamente preparado entre o comércio daquela vila e o tal Wilmar, que veio do Estado do Paraná para esse propósito único e exclusivo

de roubar o suor dos nossos trabalhadores rurais. E como rouba escandalosamente!

Os colonos e os trabalhadores são privados de fazer suas compras fora do armazem do sr. Lunardelli, onde os preços são arbitrariamente majorados, chegando a 100% acima dos preços normais.

Depois do cinco ou seis meses, os colonos, acossados pela fome, pela miséria, pelo terror, pela falta de habitação, com os filhos doentes e nus, resolvem abandonar Monte Alegre, a triste fazenda do sinistro grileiro Geremia Lunardelli. Perdem todo o seu trabalho porque somente na hora do ajuste das contas é que o gerente lhes

Solidarias com a heroína Elisa Branco às mulheres de Itumbiara

Numerosas mulheres residentes na cidade de Itumbiara, compreendendo a enorme maioria de fazer chegar aos seus protestos indignados contra a monstruosa prisão e condenação a vinte e sete dias de prisão — cujo "crime" consistia em defender a uma pastosa de milhares paulistas uma fazenda onde se faz uma frisa contra a remessa de bens brasileiros para a guerra dos americanos na Coreia — enviaram-lhes o seguinte abaixo-assinado:

"Nós, as mulheres de Itumbiara, que desejamos uma vida de paz, felicidade para nossos filhos, vimos por meio deste protesto contra a prisão de D. Elisa Branco. Esta presa em São Paulo unicamente porque ela protestou contra o envio de vinte mil jovens brasileiros para morrer na guerra de agressão ao povo coreano, que luta pela sua liberdade.

Ass: Jaira P. Oomida, Ana Delina Oantijá, Jaira O.

Freitas, Glida e Zelia Oomide, Iraci O. Amaral, Luiza M. Silva, Olívia O. de Jesus, Maria Florina Ramos, Helena A. Freitas, Olívia C. Menezes, Terzizinha M. Silva, Antonia Florina Silva, Ceclia M. Jesus, Maria O. Vilela, Celasina Amaral, Dair F. Amaral, Lina Rosa de Jesus, Rufina Lima de Lima, Erondina L. de Jesus, Arcelina Garcia Dos, Waldomira de Brito, Odete Souza de Jesus, Bernilina Conceição de Jesus, Maria Jucelinda Silva e mais 60 assinaturas.

Niquel de Goiaz..

(Concluído)

qual a opinião dos brasileiros a respeito deste assunto que afeta enormemente a economia nacional. Será que o Brasil está disposto a exportar o niquel, em vez de industrializá-lo? Será que os brasileiros concordam em entregar ao governo americano as jazidas de niquel do Estado de Goiaz? Os senadores lanques não ponderam tempo pensando nessa espécie de questão. Os Estados Unidos gostariam de niquel de Goiaz e está aninhado. Não interessa o que os brasileiros pensam. O essencial é satisfazer às "necessidades da máquina militar norte-americana".

Logo depois que o governo americano tomou público seu intento de alocar o novo niquel a jornal de sr. Jean Duarte, "O Anpólis", que está sempre disposto a defender a entrega das riquezas nacionais aos imperialistas lanques — publicou uma notícia sobre o assunto. Logo depois, "O Popular", de propriedade do atual Secretário de Agricultura, abriu manchetes sobre o mesmo assunto.

Antes de lerem, em vez de tomar posição patriótica em defesa do niquel de Goiaz e rejeitar a abordagem dos lanques, procuraram apresentar a seguinte grande questão para o progresso de nosso Estado: É a valiosa colônia da imprensa "sua", para a qual nada se pode fazer no Brasil sem o auxílio do capital estrangeiro.

O gal. Raimundo Sampaio, ex-secréto confidencial, pertencendo ao Clube Militar, denunciou a seu pretexto desses entreguistas que vivem na expectativa dos milhões em favor do progresso. Depois de mostrar, baseado em numerosos fatos concretos, os resultados financeiros que os entreguistas de tão nacionalistas, disse o ilustre chefe:

"E para se fazer uma idéia do

Porque Getúlio não fala mais em reforma agrária

Ele é um dos maiores latifundiários do Rio Grande

Antes das eleições, o sr. Getúlio Vargas por diversas vezes falou na reforma agrária, disse que se fosse eleito distribuir as terras aos camponeses. Havia por aquelas promessas, milhões de camponeses foram o seu voto a Vargas, pensando desse modo, conseguir o seu tão desejado pedaço de terra.

Mas agora que já está de cima e não mais precisa do voto dos camponeses, Vargas tira o corpo fora e nem por brincadeira falamos em distribuir as terras dos grandes fazendeiros aos camponeses sem terra.

Mais uma vez os fatos dão razão a Luiz Carlos Prestes. Tudo está acontecendo de jellinho que Prestes previu em san. Manifesto de Agosto. Getúlio não vai distribuir as terras porque ele também é taturia e prefere ficar ao lado dos fazendeiros exploradores, em vez de ficar ao lado dos camponeses. É como diz Prestes, que é o maior amigo dos camponeses: Os camponeses só terão terra quando estiverem unidos e organizados para conquistar a terra. E pensar que Getúlio em qualquer outra política, jamais venha a distribuir as

terras e perder tempo.

Getúlio é taturia

O jornal "O Estado de São Paulo", que defende os mesmos interesses defendidos pelo sr. Getúlio Vargas, isto é, os interesses dos grandes fazendeiros e capitalistas, publicou a seguinte notícia vinda de Porto Alegre e pela qual se vê porque razão Getúlio não quer nada com a reforma agrária:

DORTO ALEGRE, 19 (Estado). — O sr. Getúlio Vargas antes de alistar-se desta Estado, adquiriu uma propriedade no município de Itaqui, de extensão de quatro quadras de sesmarias,

Pequena Biografia de Luiz Carlos Prestes

Jacob Gorender

III — A Coluna Prestes através dos sertões

O movimento armado de 29 de outubro de 1924, estalou ao mesmo tempo em vários pontos no Rio Grande do Sul. Mas, até dezembro, todos os destacamentos e sublevados são batidos pelos tropas governamentais e forçados a se retirar para o Uruguai e Argentina. Um notável destacamento permaneceu em combate: são dois mil homens, sob o comando de Prestes.

Prestes começa a manobra a fim de se juntar às tropas do general Isidoro na Foz de Iguaçu. É um objetivo difícil, tanto da ponto de vista estratégico e táctico de Prestes, quanto do ponto de vista político. Graças a uma manobra sagaz, porém, o objetivo é alcançado. Em Conceição, Ranada e Campos Novos, torna a derrotar o inimigo, que sofre pesadas baixas na guerra de movimento a que Prestes o sujeita. Batidas as tropas do general Lucio Esteves, Prestes penetra na zona de Contenda, em Santa Catarina, onde combate durante dois meses e derrota o general Palm Filtus. Em Maciá Preto, mais uma vez sempre cercado e, graças à

última manobra, lança dois destacamentos governamentais em combate um contra o outro durante toda uma noite. Prestes tinha então vinte e seis anos, mas com seu talento excepcional era suficiente para lidar com as tropas batidas as suas grandes derrotas a vilões e generais experientes.

Apesar de na região de Goiaz, a Coluna Prestes havia percorrido vitórias como cercos de 1200 quilômetros. Merecia honras e honras tinham, porém, reduzido a Coluna, a cincocentos homens. Estes estavam limitados pelo exemplo de Prestes, conservam o maior vigoroso sítio colonial.

Ainda quando no Rio Grande do Sul, Prestes havia começado a lutar contra o inimigo e o exército de um rebeldia devia adquirir o plano militar. Nessa época escreve ao general Isidoro, Prestes escreve: "A guerra no Brasil, qualquer que seja o terreno, é a guerra de movimento. Para nós, revolucionários, o movimento é a vitória." E acrescenta: "A persistência é o maior dos melhores armas do revolucionário".

A guerra de movimento que já havia sido magistralmente praticada na União Soviética por Stalin, Voroshilov e Buzinski, era uma completa revolução no campo da arte militar. Além disso, os círculos militares brasileiros, inclusive Prestes, desconheciam inteiramente as

experiências do Exército Vermelho no período da guerra civil. O exército brasileiro seguia rigidamente a escola francesa, baseada na guerra de posição. Mas com a Coluna Prestes isso se modifica rapidamente. O jovem oficial sempre em todos os dogmas militares e que a guerra de movimento no Brasil, enquanto não se tornava realidade, se fixa a durante sete meses de movimento, que se inicia no ponto de partida pelo inimigo, general Isidoro. Prestes não está compreendendo que a salvação das tropas rebeldes só podia estar na guerra de movimento.

Em 12 de abril de 1925, renamam as desembocaduras do Iguaçu os rebeldes, Isidoro, Prestes, Miguel Costa, Pod'ly, Miguel Teixeira e outros. A situação é crítica: falta comida, falta munições. Prestes é o único que não está compreendendo da guerra de movimento e a sua Coluna se desorganiza através de Brasil, a vitória final. A palavra de Prestes influi no novo dia. A sua decisão influa os comandantes presentes e a decisão. Pergunta o general Isidoro parte com destino a Argentina, a fim de reunir novos elementos para os rebeldes, tentava a marcha da Coluna. O major Miguel Costa, promovido a general, assume o comando. O

(Conclui no 27, pág.)

Monte Alegre, fazenda do terror

Jagunços do grileiro Geremia Lunardelli operam livremente em Goiaz — Os colonos só podem comprar no armazem da fazenda, onde tudo custa mais caro

Reportagem de Wilson Santos

Cheguei à fazenda de Geremia Lunardelli, no distrito de Colanésia, município de Jaraguá, em uma tarde em que se discutia acaloradamente, o gerente negando-se a efetuar os pagamentos aos colonos que, vindos de S. Paulo, se dirigiram para o centro do sertão goiano, onde imparam o terror, a fome, a carestia absurda dos gêneros alimentícios e o desrespeito às nossas leis.

O gerente ali, um tal de Wilmar Ribeiro de Castro, não faz pagamentos em dinheiro, fornecendo aos trabalhadores apenas cheques de pequenas quantias, que são trocados com 20 por cento de abatimento em Colanésia, tudo adrede preparado entre o comércio daquela vila e o tal Wilmar, que veio do Estado do Paraná com o propósito único e exclusivo

de roubar o suor dos nossos trabalhadores rurais. E como rouba escandalosamente!

Os colonos e os trabalhadores são privados de fazer suas compras fora do armazem do sr. Lunardelli, onde os preços são arbitrariamente majorados, chegando a 100% acima dos preços normais.

Depois de cinco ou seis meses, os colonos, acossados pela fome, pela miséria, pelo terror, pela falta de habitação, com os filhos doentes e nus, resolvem abandonar Monte Alegre, a triste fazenda do sinistro grileiro Geremia Lunardelli. Perdem todo o seu trabalho porque somente na hora do ajuste das contas é que o gerente lhes

apresenta o Contrato de permanência obrigatória por três anos, no mínimo.

Denuncio pela imprensa popular essa corja de grileiros que vive explorando os nossos trabalhadores menos avisados. Não satisfeito de explorar e roubar os bravos camponeses do Porecatú, o tal sr. Lunardelli estende seus tentáculos sobre os camponeses goianos.

Os colonos e trabalhadores da fazenda Monte Alegre devem se unir e organizar, como ensino Prestes, e exigir respeito aos seus direitos, porque não é possível continuar suportando por mais tempo esse verdadeiro inferno que é a fazenda de Geremia Lunardelli.